

08 MAR 1993

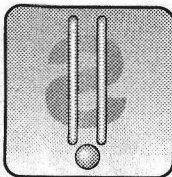
Haddad nega plano para congelamento de preços

1-3-93

BELO HORIZONTE — Depois de quase uma semana de silêncio, o ex-ministro da Fazenda Paulo Haddad negou ontem que tivesse preparado um plano de estabilização econômica que previa a pré-fixação de preços e salários, congelamento e confisco de dinheiro. Ele garantiu que todas as suas declarações feitas recentemente, contrárias a choques econômicos, sempre foram verdadeiras. Acusou a revista "Veja" de se basear em um "documento ultrapassado", redigido antes de sua posse, para anunciar medidas absurdas como se fosse dele.

— O documento foi feito por um funcionário, em dezembro, antes de minha aprovação, pois não era ministro. O meu compromisso com a população era fazer um programa de estabilização sem choque, aberto, discutido com o povo e com o Congresso — assegurou.

Haddad revelou que o plano de recuperação, que ele levaria ao presidente Itamar Franco até o dia 13 próximo, não criaria traumas. Disse que se ele tivesse algum tipo de alongamento da dívida pública, isso seria feito através de mecanismos de mercado, com leilões, sem congelamento e pré-fixações.



Haddad: desmentindo contradições

O ex-ministro afirmou ainda que jamais concordaria com a adoção de um processo de privatização selvagem, que prevesse o confisco dos ativos financeiros para a compra compulsória de ações das estatais. Lembrou existir um programa de privatização com cronograma definido, conforme a legislação em vigor e sem quebra das relações contratuais, que precisa ser respeitado.

Haddad afirmou que o seu "plano inacabado", que seria levado ao pre-

sidente Itamar, previa a adoção de um programa de combate à inflação austero em termos monetários e com um controle mais cuidadoso sobre a moeda em circulação e das finanças públicas.

O ex-ministro da Fazenda disse que esperava ter notícias sobre o ajuste fiscal para projetar as receitas e segurar as despesas a ponto de gerar um superávit de cerca de US\$ 4 bilhões.

— Nossa idéia era comprar a metade da dívida pública do Governo Federal, que estava nas mãos do tesouro e vender durante o ano de 1993. Com essa credibilidade, poderíamos negociar com as forças produtivas, sindicalistas e Congresso, para tentar alternativas para queimas etapas do processo de estabilização da economia, já com mais credibilidade de nossa parte para garantir apoio — disse Haddad.

● **ZÉLIA** — A ex-ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello criticou ontem vários pontos que vinham sendo estudados pela equipe do ministro Paulo Haddad, como o confisco de aplicações. Autora do maior confisco de dinheiro da história do Brasil, Zélia disse que a atual conjuntura política não é favorável a uma nova intervenção desse tipo.